



Sempre as Mães

Quem se levanta na madrugada alta, para conferir o berço de um recém-nascido?

Quem olha o quarto vazio de um jovem, que tão cedo a morte o sequestrou; para depois silenciar e resignar-se, confiando no tempo e no amparo de Deus?

Quem oculta as próprias lágrimas, para não aumentar as inquietações do lar; muitas vezes, solitária porque a quem confiou os seus sonhos de amor, desertou do compromisso?

Quem tem a coragem de entregar a própria vida, para ver poupada a do outro?

Quem jura a inocência de habitual criminoso?

Quem?

Senão a figura de Mãe!

Mãe que orvalha o pranto sobre a fronte do filho em aflição, para lhe proteger com as asas de sua sublime ternura.

Mãe, que do leito, muito cedo se levanta a sorrir e iluminar o lar, quantas vezes, ameaçado por conflitos.

Sempre as Mães!

As devotadas Mães!

Mães que exercem a Maternagem do Amor para receberem na Terra, os filhos de Deus, para encaminhá-los, por seus próprios braços ao Reino da Grande Luz.

Alfonso de Guilhem

(Psicografada na tarde de 10 de maio de 2018, Ave Cristo, Birigui-SP)

